DOI: https://doi.org/10.61895/pl.v19i36.22985

CONFLITOS E POTENCIALIDADES NAS RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS NO SEMIÁRIDO SERGIPANO: ÁGUA, SOLO E VEGETAÇÃO NO ASSENTAMENTO VITÓRIA DO SÃO FRANCISCO

Elizabeth de Souza Oliveira
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente na Universidade Federal de Sergipe
E-mail: elizabetholiveira@academico.ufs.br

Núbia Dias dos Santos
Profa. Dra. no Departamento de Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente na Universidade Federal de Sergipe
E-mail: nubia@academico.ufs.br

Resumo

Este artigo analisa as relações entre a comunidade do Projeto de Assentamento Vitória do São Francisco (PAVSF) e os recursos naturais — água, solo e vegetação —, destacando desafios e potencialidades para o Turismo de Base Comunitária (TBC). Por meio de entrevistas com agricultores e revisão bibliográfica, identificou-se dependência do Rio São Francisco para consumo e irrigação, escassez econômica de água, degradação do solo por salinização e agrotóxicos, e pressões sobre a vegetação da Caatinga. Os resultados evidenciam a necessidade de políticas públicas integradas, valorização de saberes locais e práticas sustentáveis para garantir a resiliência socioambiental e o desenvolvimento do TBC.

Palavras-chave: Recursos naturais; Turismo de Base Comunitária; Sustentabilidade.

CONFLICTS AND POTENTIALITIES IN SOCIO-ENVIRONMENTAL RELATIONS IN THE SEMI-ARID REGION OF SERGIPE: WATER, SOIL AND VEGETATION IN THE VITÓRIA DO SÃO FRANCISCO SETTLEMENT

Abstract

This article examines the relationships between the community of the Vitória do São Francisco Settlement Project (PAVSF) and natural resources — water, soil, and vegetation —, focusing on challenges and opportunities for Community-Based Tourism (CBT). Through interviews with farmers and literature review, the study reveals dependence on the São Francisco River for domestic use and irrigation, economic water scarcity, soil degradation

due to salinization and pesticides, and pressures on Caatinga vegetation. The findings underscore the need for integrated public policies, local knowledge appreciation, and sustainable practices to ensure socio-environmental resilience and CBT development.

Keywords: Natural resources; Community-Based Tourism; Sustainability.

Introdução

Este texto faz parte de pesquisa mais ampla que investiga as possibilidades de implantação de atividades de Turismo de Base Comunitária (TBC) no Projeto de Assentamento Vitória do São Francisco (2025-2026), localizado no município de Porto da Folha, na região do Alto Sertão de Sergipe. Ele foi construído a partir do exame dos indicadores "Hidrografia", "Vegetação" e "Clima", considerando que a qualidade ambiental é importante para as iniciativas de turismo comunitário. Assim, as questões centrais que orientam esta análise são: (1) Como se manifestam, no cotidiano, as relações entre a comunidade e os recursos naturais (água, solo e vegetação)? (2) Como a vegetação e o clima do PAVSF influenciam as práticas agrícolas tradicionais, os saberes locais e a conexão cultural da comunidade?

Este artigo fundamenta-se em um conjunto diversificado de fontes e métodos de pesquisa que permitiram uma análise crítica dos conflitos socioambientais nos assentamentos rurais. A investigação combinou: (1) revisão da literatura acadêmica sobre relação homem-ambiente e práticas sustentáveis; (2) realização de entrevistas semiestruturadas com 19 agricultores familiares do assentamento Vitória do São Francisco, abordando suas práticas de manejo da água e solo. De modo correlato, empregamos a pesquisa bibliográfica por meio da análise de conteúdo (Krippendorff, 2013), da história oral de vida (Holanda; Meihy, 2017) e da observação participante (Flick *et al.*, 2009) como estratégias de seleção, coleta e processamento de fontes.

A interpretação das fontes, conforme as orientações teóricas adotadas neste estudo, concentra-se na categoria central "Ciência da Sustentabilidade" (Moran, 2010, p. 145), que abarca as categorias secundárias "Relação Homem-Ambiente" e "Recursos Naturais", entendidas como processos de interação entre sociedades humanas e sistemas ecológicos, nos quais a transformação do meio natural se articula com a construção de identidades culturais. Nesse contexto, os recursos naturais (Bartoloto, 2011), sejam renováveis ou não renováveis, desempenham um papel fundamental na dinâmica socioambiental, pois sua exploração e gestão refletem não apenas as necessidades materiais das sociedades, mas também os valores e as

práticas culturais que orientam a relação destas com o ambiente. A distinção entre esses recursos, conforme apresentada nas fontes, evidencia a tensão entre a demanda por desenvolvimento econômico e a necessidade de preservação, especialmente no caso dos recursos não renováveis, como petróleo e carvão mineral, cujo esgotamento impõe desafios urgentes à sustentabilidade.

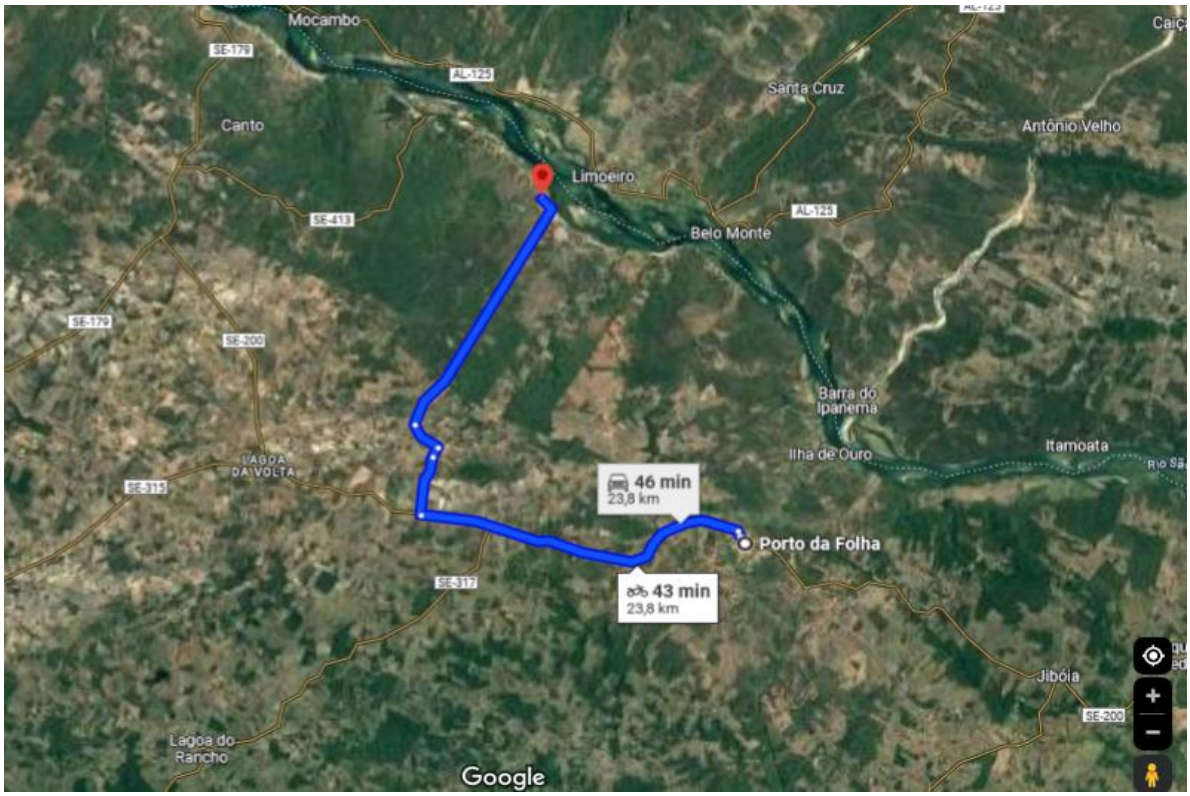
A relação homem-ambiente, conforme destacado por Moran (2010), é marcada por uma interdependência complexa, na qual os seres humanos atuam como agentes transformadores do meio natural, mas também são profundamente influenciados por ele. Essa perspectiva rompe com a visão antropocêntrica tradicional, que coloca o homem em uma posição de dominação sobre a natureza, e enfatiza, em vez disso, uma dinâmica de mutualidade. Os recursos renováveis, como a biomassa e a energia solar, ilustram essa relação, pois sua utilização exige estratégias de manejo que garantam sua renovação, evitando a degradação ambiental. No entanto, mesmo esses recursos podem se tornar escassos se forem explorados de forma predatória, como no caso da água doce, cuja disponibilidade é desigual e vulnerável à poluição e ao desperdício.

Diante disso, a "Ciência da Sustentabilidade" surge como um campo essencial para mediar a interação entre sociedade e natureza, propondo modelos de gestão que equilibrem desenvolvimento e conservação. A exploração de recursos não renováveis, por exemplo, exige planejamento de longo prazo, considerando não apenas a viabilidade econômica, mas também os impactos socioambientais e a necessidade de transição para fontes alternativas. Já os recursos renováveis demandam políticas que assegurem sua reposição e uso racional, evitando a exaustão. Assim, compreender esses processos à luz da relação homem-ambiente permite repensar práticas e políticas, orientando-as para um desenvolvimento verdadeiramente sustentável, que reconheça a natureza não como mero estoque de matérias-primas, mas como base vital para a existência humana e a diversidade cultural.

Resultados

Nesta seção, descreveremos os resultados das entrevistas realizadas com a comunidade do Projeto de Assentamento Vitória do São Francisco, apresentado na Figura 1, focando nas relações cotidianas com a água, solo e vegetação.

Figura 1 - Localização do PA Vitoria do São Francisco



Fonte: Google Maps, (2025) disponível em: https://www.google.com/maps/dir/Porto+da+Folha,+SE

Com o objetivo de responder à primeira questão central apresentada na introdução: como se manifestam as relações entre a comunidade e os recursos naturais (água, solo e vegetação) no cotidiano? Abaixo segue o quadro 1, indicando os entrevistados, a idade e o tempo que estão assentados.

Quadro 1: Entrevistados, Idade e tempo de assentamento

Nome	Idade	Tempo de Assentado
(CAS, 2025)	60	7
(DS, 2025)	60	21
(ELC, 2025)	45	1
(ENS, 2025)	58	20
(JAF, 2025)	63	20
(JNPS, 2025)	61	5
(JAL, 2025)	25	10
(MMS, 2025)	58	20
(MPL, 2025)	39	15
(MAF, 2025)	40	20
(MFRS, 2025)	38	21
(MFSB, 2025)	18	5
(MLFS, 2025)	25	6
(MPO, 2025)	40	5
(MEOG, 2025)	37	20
(MGFSS, 2025)	56	20
(MNS, 2025)	36	20
(NPS, 2025)	53	20
(SGL, 2025)	43	20

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

1. Água: Paradoxo entre Abundância e Escassez Econômica

Ao realizar a análise das entrevistas conduzidas na comunidade em questão, percebemos que o Rio São Francisco emerge como o eixo estruturante da vida comunitária, uma vez que a comunidade está localizada às margens do rio. Devido a esta localização, há a presença de um sistema complexo de relações que engloba desde a subsistência até a identidade cultural. Nossa análise revela três dimensões fundamentais dessa interação: (1) consumo doméstico, (2) atividades produtivas e (3) lazer.

Os dados coletados indicam que 53% dos entrevistados utilizam a água captada do rio ou coletada diretamente dele, principalmente para necessidades básicas como beber, cozinhar e

higiene pessoal, demonstrando a dependência direta da comunidade em relação a esse recurso. Essa relação fica evidente nas seguintes falas: "Pra beber, pra banho." (MMS, 2025), "Muito importante pra beber, tomar banho." (MEOG, 2025) e "Bebe, lava, cozinha (para tudo)." (MNS, 2025).

Paradoxalmente a essa dependência, há problemas relacionados à qualidade da água que são relatados pelos entrevistados. Dentre as problemáticas, os assentados citam que o tratamento da água para consumo é precário: “A gente bebe água bruta; a gente bota aquele clorozinho em casa. Se não colocar o cloro, pega a giárdia.” (SGL, 2025). Ainda, aproximadamente 46,7% dos entrevistados relatam a falta no abastecimento de água ou mesmo há a percepção de escassez. Ao perguntar se havia escassez no assentamento, houve entrevistado que disse que “falta diariamente, por pouco tempo” (MMS, 2025) ou mesmo que “Tem tempo que passa até 15 dias, um mês, aqui a gente tem que se reunir e fazer o conserto das bombas” (DS, 2025).

Em relação às atividades agrícolas que emergem nas respostas dos entrevistados quando questionamos sobre as águas, 36,8% destacam a importância do rio para a irrigação. No entanto, apesar de mencionarem a importância, alegam a falta de sistemas de irrigação no assentamento: "Devia ter irrigação pra todo mundo aqui" (DS, 2025). Dessa maneira, notamos que, embora seja apontado pelos entrevistados a importância do rio para a irrigação, a distribuição desse sistema é desigual, e a falta desse acesso impacta diretamente na produção agrícola dessa população. “Todo mundo veio para aqui nessa promessa que ia ter irrigação para nós, que ia ter tudo, mas nunca aconteceu. Virou elefante branco”. (MMS, 2025).

Apesar da localização privilegiada às margens do Rio São Francisco, a atividade pesqueira apresenta-se com reduzida expressividade entre os assentados, sendo mencionada por apenas 31,6% dos entrevistados. A análise dos relatos revela que a pesca persiste principalmente como atividade de subsistência e lazer, demonstrando uma relação utilitária com o corpo hídrico. Nota-se, contudo, um processo de distanciamento dessa prática tradicional, evidenciado por depoimentos como o de DS (2025), que abandonou a pesca devido a problemas de saúde. Apesar disso, o conhecimento ecológico sobre a ictiofauna local mantém-se presente na memória comunitária, como atesta a fala de MEOG (2025): "Esqueci o nome agora. Piau [...] Pirambeba. É o que mais tem aqui", que identifica espécies características como o Piau (*Leporinus spp*.) e Pirambeba (*Serrasalmus brandtii*).

Este cenário aponta para uma transformação nas dinâmicas de interação com o rio, onde o saber tradicional sobrevive, mas a prática efetiva da pesca mostra sinais de declínio, configurando um paradoxo entre o potencial do recurso natural e seu aproveitamento atual pela comunidade.

O uso do rio para atividades de lazer é amplamente destacado nos relatos, sendo mencionado por 75% dos entrevistados como parte central de suas práticas cotidianas. A fala de MEOG (2025) — "Tomar cervejinha e se banhar no rio", reforça essa relação, ainda que alguns moradores frequentem o rio de forma mais esporádica. A predominância das respostas, no entanto, demonstra que o rio não apenas é um espaço de recreação, mas também de convívio social, integrado ao cotidiano da maioria dos assentados.

2. Solo: Entre Fertilidade Natural e Degradação Antrópica

Os entrevistados do assentamento demonstraram uma relação multifacetada com o solo. Essa relação reflete tanto as experiências práticas quanto as preocupações ambientais e econômicas. O solo é visto como um recurso fundamental para a subsistência, especialmente para atividades como plantio de milho e palma e criação de gado, mas também como um elemento frágil que requer cuidado e manejo adequado.

Nas respostas dos entrevistados, é possível verificar que há o reconhecimento da importância do solo para a produção agrícola ao destacarem a fertilidade do solo em algumas áreas, como nas proximidades do Rio São Francisco, onde a terra é mais úmida e propícia ao cultivo: “Aqui, na verdade, dá tudo o que plantar, né? Aqui você planta macaxeira, tudo o que se plantar aqui nessa terra dá.” (MNS, 2025). Em paradoxo aos relatos do MNS, o entrevistado SGG (2025) afirma que a presença do salitre na terra do assentamento, principalmente nas proximidades do rio, não permite o desenvolvimento das plantações. Ele ainda relata que só há um bom desenvolvimento do milho, por exemplo, quando há uso do adubo adequado ou quando é um inverno chuvoso: “Cumbo de rio, é muito salitre. Muito salitre. Ela, na parte da terra aqui, o solo aqui, eu posso lhe dizer, só que ele tem só de 60% a 70% quase de salitre, viu?” (SGG, 2025).

Além desses relatos, há entrevistados que abordam o uso de agrotóxicos, as queimadas e o desmatamento, práticas que, embora muitas vezes necessárias para a sobrevivência, acabam

degradando a terra ao longo do tempo. Alguns moradores, como JAF (2025), mencionam a necessidade de reflorestamento e preservação, especialmente nas margens do rio: "Melhoraria muito a vida das pessoas se recuperasse o patrimônio e reflorestasse." (JAF, 2025), enquanto outros, como SGL (2025), expressam preocupação ao afirmar que “a gente não cuida bem do solo. Porque a gente que planta milho, a gente usa químico” (SGL, 2025) ou conforme DS (2025) afirma: “com esse veneno só destrói” (DS, 2025).

A diversidade de tipos de solo no assentamento também é um ponto abordado. Enquanto áreas próximas ao rio são descritas como mais férteis, outras regiões, especialmente as mais elevadas, são consideradas mais secas e difíceis de trabalhar, como vemos nas falas seguintes: “Em cima barro, no berço do rio argila" (MNS, 2025) e "onde a água passa o solo é mais molhado e onde ela não passa, é mais seco" (JAL, 2025). Essa diferença influencia diretamente as escolhas de cultivo e as técnicas agrícolas adotadas pelos moradores. Alguns, como NPS (2025), mencionam a importância de adaptar o plantio ao tipo de solo, utilizando irrigação e adubação para melhorar a produtividade. Em contrapartida, MPO (2025) menciona que "Para plantar eu acho que não tem diferença se é perto ou longe do rio, o importante é ter água pra aguar" (MPO, 2025), ou seja, com a irrigação seria mais fácil para eles realizarem as plantações.

3. Vegetação: Subsistência, Pressões e Resiliência Ambiental

Na aplicação das questões sobre a vegetação, as respostas das entrevistas revelam uma relação complexa entre a comunidade do assentamento e a vegetação local, permitindo compreender os desafios enfrentados quanto à importância da preservação ambiental para os assentados. A vegetação é vista como um recurso para a subsistência, seja por meio da plantação de alimentos como milho, feijão e palma. Como afirma JAF (2025): “Desenvolvo sim, eu planto milho, planto feijão, crio gado, boi, galinha.", seja como fonte de alimento para os animais, como gado e ovelhas. No entanto, há relatos significativos de mudanças na vegetação ao longo do tempo, frequentemente associadas a práticas como o desmatamento para criação de pastagens ou devido a fatores climáticos.

Alguns entrevistados, como DS (2025), destacam os impactos negativos do gado na degradação do solo, observando que áreas sem animais tendem a conservar melhor a terra, especialmente após chuvas: "Acho que danificaram muito o solo, no meu ‘ver’, onde não tem gado, a folha

cai e conserva o solo, quando chove a terra fica boa, mas onde tem gado só vai piorando cada vez mais." (DS, 2025). Por outro lado, outros, como MPO (2025), mencionam que a vegetação aumentou em certas áreas, seja pelo plantio intencional de árvores frutíferas próximas às residências, seja pelo crescimento natural de espécies nativas perto do rio: "Mudou muito. Tinha pouca árvore. Tem mais árvore. As de perto de casa a gente plantou e as próximas do rio nasceram naturalmente." (MPO, 2025). A presença de leis ambientais também é citada como um fator que inibe o desmatamento indiscriminado, embora haja relatos de que, sem fiscalização, a prática poderia ser mais frequente: "Não pode. Tem uma lei. Se não tivesse, o povo desmataria. Tanto povo daqui quanto de fora." (MPO, 2025).

As mudanças climáticas também surgem como um tema recorrente, com relatos de árvores nativas morrendo sem intervenção humana, conforme mencionado por SGL (2025), que associa esse fenômeno a sinais de degradação ambiental mais ampla: "Muitas árvores catingueira e ‘arranhamento’ e jurema morreram. Morreram sem ninguém cortar. Eu li na Bíblia que perto dos fins dos tempos um terço das árvores vai morrer e eu lembrei do que eu li na Bíblia e parece que a gente já está no fim dos tempos." (SGL, 2025). Além disso, projetos de reflorestamento e recuperação de áreas degradadas são citados por alguns entrevistados, como JAF (2025), que menciona a luta para reflorestar as margens do rio, embora nem sempre com resultados concretos devido à falta de apoio governamental: "Nós estamos lutando para gente reflorestar a margem do rio. Nós, assentados, estamos lutando para defender essa margem. O governo tem o projeto para enviar as mudas." (JAF, 2025).

Os resultados das entrevistas no Projeto de Assentamento Vitória do São Francisco (PAVSF) revelam uma relação intensa entre a comunidade e os recursos naturais — água, solo e vegetação. Apesar da proximidade com o Rio São Francisco, os assentados enfrentam desafios como escassez econômica, falta de irrigação e má gestão hídrica. O solo, embora fértil em algumas regiões, sofre com degradação em áreas salinizadas e práticas inadequadas. Já a vegetação, essencial para a subsistência, é afetada pelo desmatamento e pelas mudanças climáticas. Esses aspectos evidenciam a necessidade de estratégias sustentáveis que garantam a preservação ambiental e o desenvolvimento da comunidade.

Discussão

O estudo sobre o Projeto de Assentamento Vitória do São Francisco (PAVSF) revela uma relação complexa entre a comunidade e os recursos naturais (água, solo e vegetação), que pode ser compreendida à luz das categorias teóricas apresentadas na introdução: "Relação Homem-Ambiente" e "Recursos Naturais". Diante disso, busca-se responder à questão central deste texto: Como se manifestam as relações entre a comunidade e os recursos naturais (água, solo e vegetação) no cotidiano?

O Rio São Francisco, uma das bacias mais importantes do Brasil (Silva, 2024; Leal, 2024; Oliveira, 2023) e "maior manancial estratégico de Sergipe" (SERGIPE, p. 13, 2024), possui grande impacto na vida das comunidades que vivem em suas margens. Conforme Silveira et al. (1985), o rio serve para o abastecimento de água, irrigação, consumo humano, geração de energia, pesca e turismo. A fala de Silveira et al. sobre a relação das comunidades com o rio relaciona-se com a abordagem de Moran (2010). O autor destaca a interdependência entre sociedade e natureza, no entanto, estabelece a crítica que visa romper com a visão antropocêntrica e utilitarista que a sociedade tem em relação à natureza, enfatizando que a relação deve se basear na mutualidade, ou seja, uma relação sustentável e holística.

Nesse contexto, Britto et al. (2018) destacam que a qualidade da água dos afluentes do Baixo São Francisco em Sergipe é significativamente afetada pela eutrofização e pelas ações humanas, especialmente durante o período chuvoso em regiões agrícolas. Esses fatores comprometem o uso seguro da água para consumo e irrigação, evidenciando a necessidade de práticas de manejo mais sustentáveis.

Essa constatação dialoga diretamente com os relatos dos moradores do PAVSF, que enfrentam dificuldades no abastecimento de água e na irrigação das plantações. Além disso, estudos como o de Vasco et al. (2017) demonstram que a contaminação por agrotóxicos em afluentes do São Francisco, como o Rio Betume, também compromete a qualidade da água, afetando o solo e os ciclos produtivos. O uso de pesticidas nas plantações de arroz, detectado por modelagem hidrológica, revela que a má gestão do solo e da água pode gerar impactos negativos nos ecossistemas locais, agravando a vulnerabilidade socioambiental das comunidades ribeirinhas.

Dessa maneira, a relação com a água no PAVSF ilustra esse paradoxo entre abundância e escassez. Embora o Rio São Francisco seja essencial para consumo doméstico, irrigação e lazer,

a falta de tratamento adequado, a descontinuidade no abastecimento e a ausência de sistemas de irrigação eficientes refletem desafios socioambientais que convergem com as análises de Britto et al. (2018) e Vasco et al. (2017). Esses estudos reforçam que o manejo inadequado e a ausência de infraestrutura comprometem a qualidade da água, expondo a comunidade a riscos sanitários e dificuldades de produção agrícola.

Segundo a FAO (2012), a escassez de água pode ser caracterizada de duas formas: escassez física e escassez econômica. A escassez física ocorre quando há insuficiência de água para atender todas as demandas locais e os fluxos ambientais, sendo seus sintomas "degradação ambiental severa, declínio das águas subterrâneas e alocações de água que favorecem alguns grupos em detrimento de outros" (FAO, p. 6, 2012). Já a escassez econômica decorre da "falta de investimento na infraestrutura, seja em pequena ou grande escala, o que dificulta a obtenção de água suficiente para a agricultura ou potável" (FAO, p. 6, 2012).

No PAVSF, em 2013, a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF) elaborou um projeto para a execução da segunda etapa do sistema de abastecimento de água nas comunidades rurais, com previsão de início em 2014 e conclusão em 2015. O sistema foi implementado para captação da água do rio, mas, após sua finalização, não houve manutenção contínua, pois deveria ser repassado à DESO. De acordo com SGL (2025): "O que a gente tem aqui é um projeto de bombeamento d'água que a CODEVASF fez através do governo federal. 'Ai' implantou esse projeto e a DESO não se interessou por ser um assentamento pequeno. A prefeitura também não quis pegar."

Devido à falta de manutenção, a comunidade sofre com a escassez econômica (não física), uma vez que a bomba do sistema quebra frequentemente e, pela ausência de suporte técnico da CODEVASF, Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO) ou prefeitura, os próprios moradores, representados pelo SGL, realizam os consertos. Segundo SGL, após a saída da CODEVASF: "Aí deixou na mão de um cidadão conhecido por ZB, o nome dele é JAF. Aí deixou na mão dele, ele teve uma demanda aí de dois anos, aí houve um probleminha aí, ele entregou a chave, né?" (SGL, 2025). Desde então, há oito anos, o SGL assume os reparos quando a bomba apresenta falhas.

Portanto, confirma-se que a escassez hídrica no assentamento decorre da falta de infraestrutura e apoio governamental. Além disso, a escassez econômica se agrava pela ausência de tratamento

de água – os moradores precisam adicionar cloro manualmente antes do consumo. Conforme SGL (2025): "A gente bebe água bruta, a gente bota aquele clorozinho em casa. Se não colocar o cloro, pega a giárdia. Eu tenho um livro de tratamento de água, a giárdia vem de um tipo de caramujo, né? Algumas pessoas já adoeceram."

Essa problemática também afeta o manejo do solo, pois a falta de irrigação dificulta ou mesmo inviabiliza o plantio e, consequentemente, a atividade econômica da comunidade. Conforme Moran (2010), existem duas formas de lidar com essa interação: adaptação e mitigação. Atualmente, o PAVSF está em processo de adaptação, ajustando-se às limitações impostas pela escassez econômica. No entanto, é fundamental pensar em mitigação, com soluções estruturais para irrigação, tratamento e abastecimento de água. Isso não só influenciará na relação dos assentados com a água, mas com o solo e a vegetação.

Essas questões refletem a tensão teórica entre desenvolvimento e preservação, evidenciando a necessidade de políticas que equilibrem uso racional e conservação. Os relatos dos moradores, desde o consumo de água "bruta" com cloro caseiro até a frustração com projetos de irrigação não implementados, revelam uma escassez mais vinculada à gestão inadequada do que à disponibilidade física do recurso.

Segundo o Relatório de Insumos para a Elaboração de Planos Regionais de Saneamento Básico (PRSB) disponibilizado em 2024, os solos do município são “Litólicos, Eutróficos, Regosol Distróficos, Planossolo, Podzólico Vermelho-Amarelo Equivalente Eutrófico (SERGIPE.SEPLANTEC/SUPES, 1997/2000)” (SERGIPE, p. 8, 2024). A relação da comunidade com o solo no PAVSF, ao analisar os dados, é vista como um recurso fundamental para a subsistência, especialmente para atividades agrícolas como o plantio de milho, feijão e palma, além da criação de animais. No entanto, os entrevistados destacam uma dualidade: enquanto algumas áreas próximas ao Rio São Francisco são consideradas férteis e úmidas, outras regiões, principalmente as mais elevadas, são vistas como secas e difíceis de trabalhar. Essa disparidade influencia diretamente as escolhas de cultivo e as técnicas agrícolas adotadas, como observado na fala de MNS (2025): "Aqui, na verdade, dá tudo o que plantar, né? Aqui você planta macaxeira, tudo o que se plantar aqui nessa terra dá." (MNS, 2025) e de SGG (2025): "Combro de rio, é muito salitre. Muito salitre. Ela, na parte da terra aqui, o solo aqui, eu posso lhe dizer, só que ele tem só de 60% a 70% quase de salitre, viu?" (SGG, 2025).

A salinização é um desafio frequente em reservatórios do semiárido, onde a intensa evaporação concentra sais no solo, comprometendo sua qualidade (Silva, p. 14, 2024). Como destaca Silva (2024), a alta salinidade da água pode torná-la imprópria para consumo humano e irrigação, gerando impactos econômicos, ambientais e sociais nas regiões dependentes desses recursos hídricos — o que reforça a necessidade de monitoramento constante. Além disso, conforme relatado por SGG (2025), a salinização do solo inviabiliza a agricultura, afetando diretamente a produção local. Embora o Rio São Francisco, no trecho sergipano (Baixo São Francisco), mantenha águas doces, seus afluentes no sertão sergipano apresentam características salobras e são vulneráveis à salinização, conforme aponta o Relatório de Porto da Folha. Essa situação exige ações estratégicas para garantir a sustentabilidade hídrica e agrícola da região.

Além da diferenciação da fertilidade do solo descrita pelos moradores, há relatos de práticas como o uso de agrotóxicos, queimadas e desmatamento. Alguns moradores, como JAF (2025) e SGL (2025), expressam preocupação com essas práticas, que, embora muitas vezes necessárias para a sobrevivência, acabam por comprometer a qualidade da terra ao longo do tempo. Podemos perceber nos relatos seguintes: "A gente não cuida bem do solo. Porque a gente que planta milho, a gente usa químico" (SGL, 2025) e "Com esse veneno só destrói" (DS, 2025).

Esses relatos evidenciam a tensão entre a necessidade imediata de produção e a conservação dos recursos naturais, refletindo a escassez de alternativas sustentáveis e a falta de apoio técnico para implementá-las. Apesar disso, há iniciativas isoladas de recuperação, como o reflorestamento mencionado por JAF (2025): "Nós estamos lutando para gente reflorestar a margem do rio. Nós assentados estamos lutando para defender essa margem."

A vegetação de Porto da Folha, por seu turno, é marcada pela presença da “Caatinga, Capoeira, Campos Limpos e Campos Sujos” (SERGIPE, p. 8, 2024). No PAVSF, a vegetação é marcada pela caatinga, que desempenha papel importante para a comunidade, seja como fonte de alimento para animais ou como base para atividades econômicas. No entanto, os entrevistados relatam mudanças significativas na cobertura vegetal ao longo do tempo, atribuídas a fatores como desmatamento para pastagens, mudanças climáticas e práticas agrícolas insustentáveis. Alguns moradores, como DS (2025), destacam os impactos negativos do gado na degradação do solo e da vegetação: "Acho que danificaram muito o solo, no meu ver, onde não tem gado, a folha cai e conserva o solo; quando chove, a terra fica boa, mas onde tem gado só vai piorando cada vez mais."

As mudanças climáticas também surgem como um fator crítico, com relatos de árvores nativas morrendo sem intervenção humana, como observado por SGL (2025): "Muitas árvores, catingueira e arranhamento e jurema, morreram. Morreram sem ninguém cortar. Eu li na Bíblia que perto dos fins dos tempos um terço das árvores vai morrer, e eu lembrei do que eu li na Bíblia e parece que a gente já está no fim dos tempos."

A análise das relações entre a comunidade do Projeto de Assentamento Vitória do São Francisco (PAVSF) e os recursos naturais – água, solo e vegetação – evidencia um cenário marcado pela dependência e vulnerabilidade socioambiental. O Rio São Francisco, embora essencial para o abastecimento e a subsistência dos assentados, enfrenta desafios relacionados à gestão ineficiente e à escassez econômica, agravada pela falta de infraestrutura adequada. O solo, por sua vez, revela contrastes entre áreas férteis e regiões salinizadas, refletindo o impacto de práticas agrícolas insustentáveis e da ausência de suporte técnico para manejo adequado. Quanto à vegetação, destaca-se a importância da Caatinga para a comunidade, tanto em termos econômicos quanto ecológicos, ainda que relatos apontem para a degradação progressiva devido ao desmatamento e às mudanças climáticas. Esses elementos reforçam a necessidade de estratégias integradas de manejo sustentável, capazes de mitigar os efeitos negativos das atividades humanas e fortalecer a resiliência da comunidade frente aos desafios ambientais do semiárido.

Conclusão

A análise das relações entre a comunidade do Projeto de Assentamento Vitória do São Francisco (PAVSF) e os recursos naturais revela uma teia de interdependências, desafios e potencialidades. O estudo demonstra que, embora o Rio São Francisco seja a principal fonte de vida para o assentamento, garantindo consumo doméstico, atividades produtivas e lazer, seu potencial abundância é comprometida pela precariedade da infraestrutura hídrica e pela ausência de políticas públicas eficientes. Essa contradição entre disponibilidade física e escassez econômica da água, conforme a FAO (2012), reflete um dos principais dilemas enfrentados pela comunidade: a presença de um recurso vital cujo acesso é limitado por falhas de gestão.

Os solos do assentamento apresentam características também paradoxais. Enquanto áreas próximas ao rio são reconhecidas como férteis e propícias ao cultivo diversificado, outras

regiões sofrem com salinização, degradação e práticas agrícolas insustentáveis, como o uso de agrotóxicos e queimadas. Essa dualidade não apenas influencia as escolhas produtivas dos moradores, mas também evidencia a tensão entre a necessidade imediata de subsistência e a conservação dos recursos naturais. A vegetação, composta principalmente por Caatinga, Capoeira e Campos, desempenha papel crucial na subsistência e na manutenção dos ecossistemas locais, mas enfrenta pressões crescentes devido ao desmatamento, às mudanças climáticas e à expansão de pastagens.

Apesar dos desafios, o estudo identificou iniciativas locais de resiliência e adaptação, como os esforços de reflorestamento das margens do rio e a aplicação de saberes tradicionais no manejo do solo e da água. Essas práticas, embora limitadas pela falta de apoio técnico e institucional, apontam para um caminho possível de sustentabilidade, onde o conhecimento local dialoga com políticas públicas eficazes.

Em síntese, a relação da comunidade do PAVSF com os recursos naturais é marcada por uma conexão de dependência e cuidado, mas também por vulnerabilidades estruturais que demandam intervenções urgentes. A superação desses desafios exige não apenas a implementação de infraestruturas básicas (como sistemas de irrigação e tratamento de água), mas também a valorização dos saberes locais e a promoção de modelos agrícolas sustentáveis. Como demonstram estudos recentes sobre a região, a exemplo de Britto et al. (2018) e Vasco *et al.* (2017), a garantia da qualidade ambiental e hídrica no Baixo São Francisco depende de uma abordagem integrada, que combine ciência, políticas públicas e participação comunitária. Assim, o caso do PAVSF serve como um microcosmo dos desafios e oportunidades enfrentados por comunidades rurais no semiárido brasileiro, onde a sustentabilidade socioambiental deve ser construída a partir do equilíbrio entre tradição, inovação e justiça social.

Fontes

CAS (Agricultor, 60 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

DS (Agricultor, 60 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

ELC (Agricultor, 45 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

ENS (Agricultor, 58 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

JAF (Agricultor, 63 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

JNPS (Agricultor, 61 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

JAL (Agricultor, 25 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

MMS (Agricultor, 58 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

MPL (Agricultor, 39 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

MAF (Agricultor, 40 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

MFRS (Agricultor, 38 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

MFSB (Agricultor, 18 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

MLFS (Agricultor, 25 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

MPO (Agricultor, 40 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

MEOG (Agricultor, 37 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

MGFSS (Agricultor, 56 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

MNS (Agricultor, 36 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

NPS (Agricultor, 53 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

SGL (Agricultor, 43 anos). P. A.Vitória do São Francisco (SE), 29 de março de 2025.

Referências:

BARTOLOTO, Célia. **Recursos naturais e sustentabilidade**: dimensões socioambientais. São Paulo: Annablume, 2011.

BRITTO, F.B.; VASCO, A. N.; AGUIAR NETTO, A. O.; GARCIA, C.; MORAES, G.; GONZAGA; M. **Surface water quality assessment of the main tributaries in the CBHSF**. Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Ficha catalográfica – **Resumo Executivo do Plano de Recursos Hídricos do Rio São Francisco 2016-2025**. p. 300, 2018.

FAO. **Coping with water scarcity: An action framework for agriculture and food security. Rome**: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2012.

FLICK, Uwe *et al.* **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral**: como fazer, como pensar. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Content analysis: an introduction to its methodology**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2013.

LEAL, D. O. **Aplicação do Índice de Qualidade da Água de Reservatório e do Índice de Estado Trófico para Avaliação da Qualidade da Água do Reservatório de Xingó Localizado na Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco**. São Cristóvão – SE, 2024.

MORAN, Emílio F. **Meio ambiente e ciências humanas**: introdução à abordagem interdisciplinar. São Paulo: Senac, 2010.

OLIVEIRA, Luiz Ricardo Santos de. **Cobrança pelo uso dos recursos hídricos na bacia hidrográfica do rio São Francisco no decênio 2011 a 2020. 2023**. 58 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Hídricos) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

SERGIPE. **Relatório de Insumos para a Elaboração de Planos Regionais de Saneamento Básico (PRSB)**: Município de Porto da Folha. Apêndice 55. [S.l.: s.n.], [s.d.].

SILVA, T. M. **Aplicação do índice de qualidade da água de reservatório em série histórica de dados dos reservatórios de Moxotó e Paulo Afonso**. 2024. São Cristóvão - SE.

SILVEIRA, J. F. A.; DEGASPARE, J. C.; CALVACANTI, A. J. C. T. Problemas decorrentes da reatividade álcali-agregado na Usina Hidroelétrica Apolônio Sales (Moxotó). *In:* XVI Seminário Nacional de Grandes Barragens, 16., 1985, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Comitê Brasileiro de Barragens, 1985, p. 429-461.

VASCO, A. N; AGUIAR NETTO, A; BRITTO, F. B; SILVA, M. G. **Swat model for in potential contamination a tributary of the rio São Francisco, Brazil.** Scientia Plena. 13.10.14808/sci.plena.109910. 2017.

Recebido em 2025-06-13
Revisado em 2025-08-14
Aprovado em 2025-08-23